
O QUE OS OLHOS NÃO VEEM, O CORAÇÃO SENTE¹

Maria Akemi YAMAKAWA²

Amanda Santos da Costa SILVA³

David Werson Cunha CÂMARA⁴

Ingrid Jéssica Barbosa DA SILVA⁵

Giomara Rodrigues DAMASCENO⁶

Paulo César Pedroza MARQUES⁷

Patrícia Lais de Souza GONÇALVES⁸

Anaelson Leandro de SOUSA⁹

Universidade do Estado da Bahia, Campus III, BA

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar o processo criativo do roteiro de “O Que os Olhos Não Veem, o Coração Sente”, curta-metragem de ficção, produzido em 2013. É dada ênfase a construção das orientações expostas naquele, descrevendo como cada elemento componente - cenários, planos utilizados e falas das personagens - foram inseridos na narrativa. Como metodologia teórica para elaboração do roteiro, foram utilizados autores discutidos durante a disciplina, como Tânia Souza e Sidney Leite. A narrativa se passa numa universidade, na qual a representação do medo assombra um grupo de estudantes, uma metáfora aos receios de cada estudante dentro da faculdade.

Palavras-chave: Cinema; roteiro, ficção, universidade, medo.

1 INTRODUÇÃO

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Roteiro de Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de Ficção.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios, email: mariaakemi@gmail.com

³ Co-aturor e estudante do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios, email: amandasds@gmail.com

⁴ Co-aturor e estudante do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios, email: dvdwerson@gmail.com

⁵ Co-aturor e estudante do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios, email: giomaradamasceno@gmail.com

⁶ Co-aturor e estudante do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios, email: ingridjbarbosa@gmail.com

⁷ Co-aturor e estudante do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios, email: paulo.pedroza@hotmail.com

⁸ Co-aturor e estudante do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios, email: laizpaty@gmail.com

⁹ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios, email: anlsouza@uneb.br

O cinema tem o seu surgimento no final do século XIX e aparece como um meio de comunicação, que aos poucos vai ganhar importância na sociedade, sendo utilizado como ferramenta de entretenimento. Inicialmente, a sua linguagem vai ser afetada pelo registro documental, ocupando-se de mostrar apenas o cotidiano da sociedade industrializada: a saída de operário de fabricas ou simplesmente ruas movimentadas. A ficção será um gênero que terá o seu espaço mais adiante, passada a fase de euforia da nova arte.

Para Leite (2003, p.12), a invenção do cinema deve ser associada à vontade do homem, mais precisamente da segunda metade do século XIX, de reproduzir visualmente a realidade que estava à sua volta. A inovação tecnológica possibilitou vislumbrar o mito do realismo total, quer dizer, a recriação do mundo à sua imagem.

O cinema, após a Primeira Guerra Mundial, ganha contornos de indústria de massa e universaliza a sua produção, visando o mercado internacional a partir das produções de Hollywood, nos Estados Unidos. Leite defende que desde o início, o cinema tenta reproduzir a realidade tal qual ela se apresenta ao olhar humano. O cinematógrafo, nada mais é do que o coroamento dessa idealização. “Se no início se fez tábua rasa da intervenção do homem na seleção de imagens, logo ficou clara a sua participação na captação e na escolha do material filmado” (LEITE, p.89).

De acordo com Souza, no cinema a imagem, em geral, é explorada em toda a sua densidade como forma de linguagem e significa vir ancorada no verbal. Comparando com outros meios de comunicação onde a imagem é preponderante, o cinema tem uma textualidade diferente da que se vê em outros meios de comunicação.

A autora ainda argumenta que o estudo da imagem, como discurso produzido pelo não-verbal, abre perspectivas comumente não abordadas nas análises mais recorrentes.

“Abre-se a possibilidade de entender os elementos visuais como operadores de discurso, condição primeira para se desvincular o tratamento da imagem através da sua co-relação com o verbal e de se descartarem os métodos que "alinham o verbal pelo não-verbal". (SOUZA, 2001).

Independente do uso verbal e não verbal, as produções cinematográficas são orientadas por uma prévia produção, materializada através do roteiro. É ele o instrumento norteador que garante a sua realização. Filmes idealizados para documentar a realidade ou concebidos como ficção, se valem daquela ferramenta para orientar a equipe de produção.

O trabalho relatado neste *paper* apresenta a criação do roteiro do filme ficção “O que os olhos não veem, o coração sente”, elaborado na disciplina optativa Comunicação Cinematográfica, ministrada no segundo semestre de 2013, no curso de Comunicação Social/Jornalismo Multimeios, ministrada pelo professor Anaelson Leandro de Sousa.

O filme é produzido e protagonizado por um grupo de estudantes universitários da região norte da Bahia. Na estória, eles compartilham do mesmo espaço acadêmico, e são perseguidos por medos, que são apresentados no filme por meio de metáforas. São situações que ao criar uma atmosfera de suspense e medo, revela ao final surpreendente.

2 OBJETIVO

A disciplina optativa Comunicação Cinematográfica, propunha aos estudantes conhecer as linguagens e expressões da sétima arte, além de direcionar o olhar dos alunos para enxergar não a película em si, mas ter uma análise da construção cinematográfica dos filmes.

A produção do roteiro de um curta metragem foi um dos critérios avaliativo da disciplina. A atividade proporcionou aos alunos da disciplina, experimentar e colocar em prática os ensinamentos teóricos apresentados ao longo da matéria.

O objeto principal foi o de experimentar a fase de pré-produção de um filme, especificamente a produção do roteiro. Uma outra finalidade, foi a de pensar em qual estória seria roteirizada. O texto não seguiu os padrões convencionais, ao ter como protagonista o espaço físico da universidade e a representação do medo. A proposta do curta é explorar as relações subconscientes dos estudantes universitários com à academia. Seus medos e anseios negativos em torno da vida universitária são refletidos em uma metáfora à “assustadora” universidade.

3 JUSTIFICATIVA

A importância da realização de exercícios como a produção de um roteiro de ficção dá-se pela necessidade de proporcionar aos alunos uma melhor formação no curso de Jornalismo em Multimeios. Diariamente a grade curricular da Universidade do Estado da Bahia propõe aos estudantes, o ensino de técnicas e produções jornalísticas – por conseguinte, focadas na não-ficção, ou seja, na narrativa real dos fatos.

A execução desse tipo de atividade, enriquece a formação do graduando em Jornalismo em Múltiplos Meios, pois proporciona aquele, conhecer diferentes linguagens da trabalhada na profissão, possibilitando um leque de conhecimentos na construção profissional do aluno.

O roteiro de "O que os olhos não veem, o coração sente" parte de um princípio simplório: narrar a forma como um grupo de estudantes universitários é assombrado pelos medos causados pela difícil vida acadêmica, mas isso é feito por meio de representações do subconsciente do medo. A ideia do roteiro partiu do princípio de que a narrativa é produto de sentidos como a percepção, aplicada nesta estória juntamente com a capacidade cognitiva de interpretar e organizar os fatos.

Vale destacar um fator diferenciador deste roteiro, já que o protagonista não é apenas um personagem e sim um coletivo compartilhado com a representação do medo. Essa ideia partiu de divagações dos membros do grupo, influenciados pela frase do poeta português Fernando Pessoa: "navegar é preciso". Além de "soltar" o imaginário de cada um, o trabalho foi criado pensando em fazer algo próximo da realidade dos estudantes, princípio sempre discutido na Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro.

A linguagem do cinema é imprescindível para a construção de trabalhos da sétima arte. Nada que a película tivesse exposto teria sentido sem as orientações propostas no roteiro, ou seja, sem a linguagem escrita, trabalhada por meio do imaginário coletivo no processo de produção, o visual não seria tão bem executado.

A experimentação da criação de um roteiro por si só é uma atividade que incentiva os graduandos da Uneb a desenvolverem a imaginação e praticarem a escrita fantástica, podendo assim explorar no curta, linguagens impossibilitadas de serem utilizadas no universo jornalístico.

O desenrolar da narrativa tenta explicitar ao público de que forma esse sentimento foi construído no subconsciente de cada um. Para isso, utilizou-se de elementos do suspense para construir a atmosfera da estória.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de criação do roteiro de "O que os olhos não veem, o coração sente", surgiu em conversas entre os membros do grupo sobre utilizar as técnicas apresentadas

durante a disciplina - dando ênfase ao cinema expressionista alemão e impressionista - focado em uma estória próxima a todos a universidade.

Decidida a ideia central do roteiro, coletivamente o grupo discriminou cada recorte dos personagens, cenários, utilização de planos e utilização de efeitos como luz ambiente e sons.

A disciplina optativa Comunicação Comunitária foi ministrada no segundo semestre, há poucos meses do vestibular daquele ano. Influenciados pelo medo de tomar uma decisão sobre qual profissão seguir, muitos vestibulandos carregam seus anseios para a vida acadêmica. Isso se reflete no cotidiano: medo de reprovação, de não se sentir realizado no curso escolhido ou de desapontar alguém - família principalmente.

Esse contexto social e o fato da disciplina ter sido ministrada no turno noturno levou a equipe a narrar a história de um grupo de estudantes assombrados por seus medos. Durante a construção deste *paper*, o grupo percebeu a possibilidade de inserir alguns pensamentos de Sigmund Freud sobre o inconsciente, onde estão elementos instintivos não acessíveis à consciência.

O material ali guardado não é esquecido pela mente, sendo acessado por nós em momentos onde medos infantis assombram a vida, a exemplo do fato de ficar no escuro ou trancado em locais fechados, como um banheiro. Para transcrever esses medos do inconsciente de cada um para o roteiro, foram utilizados artifícios como descrição de ambientes escuros, com sombras e luz natural, além de elementos da natureza - passos em cima de folhas secas e árvores balançando. Aqui, uma clara referência ao cinema impressionista, pelo uso de planos subjetivos e linguagem poética.

Além de utilizar o modelo exposto durante a disciplina, o grupo se inspirou em orientações de Syd Field para elaborar o roteiro. Partiu-se do princípio utilizado pelo autor de que

Um roteiro [...] é uma história contada com imagens. É como um substantivo: isto é, um roteiro trata de uma pessoa, ou pessoas, num lugar, ou lugares, vivendo a sua “coisa”. Percebi que o roteiro possui certos componentes conceituais básicos comuns no que se refere à forma. (FIELD, Manual do Roteiro, 2011, p.7)

A estrutura do presente roteiro foi baseada na organização dos incidentes de forma linear. Cada cena, a princípio não tem ligação com a resolução dramática afirmada por

Field em sua obra. Mas ao final da estória narrada, os elementos "soltos" se unem em uma única linha no desenrolar da história.

A intercalação de planos - de médio alterando para gerais ou conjuntos - é uma experimentação dos cinemas impressionista e expressionista. Mas o foco do roteiro em si não é a construção dos planos ou as técnicas e sim os ambientes onde se passa cada cena e a reação de cada personagem àquele local.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Durante a disciplina, foi apresentado pelo professor orientador deste trabalho, um modelo de roteiro com todas as técnicas utilizadas pelo grupo na execução da atividade. Normalizado com fonte *Courier New* 12, o molde exposto discriminava como deveria ser feita a colocação de cenas, falas e planos a serem executados na filmagem.

A formatação do roteiro seguida pelo grupo apresentava inicialmente o local da cena, se seria em ambiente externo ou interno. Após essa orientação, havia norteamentos sobre os planos utilizados, cortes de edição e as ações de cada personagem. As falas eram destacadas com formatação centralizadas, para diferenciação das outras orientações expostas no roteiro. Como resultado, chegou-se a esse esboço:

Figura 1 - Exemplo de roteiro

```
EXT. RIO - DIA
Barbantino está nadando no rio. Busca-Pé observa da margem.
Barbantino tira a cabeça da água e fala do rio mesmo:
                BARBANTINHO
Tu acha que eu vou conseguir ser salva-
vidas que nem meu pai?
                BUSCA-PÉ
Sei lá...
                BARBANTINHO
É... Ser salva-vidas é mais difícil que ser
peixeiro que nem o seu pai.
Busca-Pé fica um pouco bravo.
```

Fonte: Extensão Cinema - Oficina Básica de Roteiro para Cinema

O produto do roteiro de ficção apresentando tem 11 páginas, com aproximadamente nove minutos de filme. A discrepância em relação ao número de páginas para o tempo do

curta-metragem justifica-se pela descrição dos cenários e planos utilizados no filme, já que as falas são mínimas.

A ideia do roteiro surgiu pelo fato do grupo querer narrar uma história fictícia, mas que se aproxima-se do contexto social de cada um. Para isso, escolheu-se a universidade como cenário do curta.

As relações de medo que cada estudante universitário vivencia na academia foram expostas no roteiro por meio de imagens e fatos subjetivos, já que nenhum deles explicita tal receio. Fica subentendido essa relação pelos recortes dados no roteiro.

6 CONSIDERAÇÕES

A experiência vivenciada pelo grupo na realização deste trabalho foi enriquecedora, não só pelo fato de experimentar a produção cinematográfica, mas também por praticar linguagens mais narrativas e imaginárias na grade curricular do curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB.

Apesar do pouco tempo para execução do trabalho - apenas um terço do período -, a atividade prática exercida durante a disciplina serviu de oficina para execução dos ensinamentos teórico obtidos durante as duas unidades antecedentes. O anseio do grupo é de ter posto este trabalho de uma forma clara e de fácil entendimento aos públicos, pois a atividade de construção de um roteiro não é das mais simplórias, ainda mais por se tratar de uma temática subjetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLONE, Geraldo. Freud: **Consciente, Pré-consciente e Inconsciente**, 8 de agosto de 2008. Disponível em <<http://www.libertas.com.br/site/index.php?central=conteudo&id=467>>. Acessado em 29 de março de 2014.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de Cinema e Televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?**. Paulus, São Paulo, 2003.

MAURO, Heloá Pizzi e SALON, Lucas **O impressionismo francês no cinema**. 15 de maio de 2012. Disponível em <<http://www.rua.ufscar.br/site/?p=10266>>. Acessado em 28 de março de 2014.

SOUZA, Tania C. Clemente de. **A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. Revista Ciberegenda, Niterói/RJ, UFF, nº 6, 2001. Disponível em <<http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm.doc>> . Acesso em 20 de julho de 2008.